

Teoria e prática: como o estudo contribui na construção de um método do jornalismo investigativo¹

Theory and practice: how the study contributes to the construction of a method of investigative journalism

Mariana Galvão Noronha²
Paula Melani Rocha³

RESUMO: A reflexão tem como objetivo identificar um método no processo de produção de reportagem investigativa a partir do cruzamento dos resultados da pesquisa de mestrado "As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa" com a análise de estudos de reportagens realizados em uma disciplina ofertada no curso de graduação em Jornalismo (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Procurou-se aferir padrões nos procedimentos e técnicas de apuração em ambos os estudos. Os dados empíricos compreenderam reportagens nacionais e internacionais e entrevistas com jornalistas brasileiros que desenvolveram reportagens investigativas. O aporte teórico ancorou-se em história do jornalismo investigativo, conceito de jornalismo investigativo e conhecimento no Jornalismo. Entre os resultados, aponta-se a relevância em inserir conceitos e prática do jornalismo investigativo na formação dos profissionais.

PALAVRAS CHAVE: Jornalismo investigativo; conhecimento; prática jornalística; método investigativo; formação profissional

ABSTRACT: The reflection search to identify a method in the process of producing investigative reporting from the intersection of the results of the master's research "The specificities of investigative journalism: a study on the process of investigative journalistic production" with the analysis of studies of investigative journalism carried out in a discipline offered in the course of graduation in Journalism (State University of Ponta Grossa). It was sought to find patterns of procedures and techniques in both studies. The empirical data included national and international journalistic productions and interviews with Brazilian journalists who developed this practice. The theoretical contribution is based on the history of investigative journalism, the concept of investigative journalism and knowledge in journalism. Among the results, it is out the relevance in inserting concepts and practice of investigative journalism in the training of the professionals.

¹ Trabalho apresentado no VI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, em 26 de junho de 2019.

² Mestre em Jornalismo pela UEPG, mariana.gnoronha@gmail.com

³ Professora do PPG e Graduação em Jornalismo da UEPG. Pesquisadora colaboradora do LabJor (UNICAMP). Apoio Fundação Araucária (Edital 27/2017). Bolsista produtividade em Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico - Fundação Araucária (Convênio 049/2019). paulamelani@gmail.com

KEYWORDS: Investigative journalism; knowledge; journalistic practice; investigative method; professional qualification

1. O conhecimento em jornalismo investigativo e a formação profissional

A formação direcionada em jornalismo investigativo nos cursos de graduação em Jornalismo no Brasil não é consensual entre os professores e pares como uma disciplina específica na grade curricular. O último documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo publicado, pelo Conselho Nacional de Educação, no Diário Oficial da União em setembro de 2013⁴, não menciona textualmente o jornalismo investigativo nos Eixos de Formação, mas indica a necessidade de contemplar no projeto pedagógico do curso métodos e técnicas de apuração e fomentar a investigação:

IV - Eixo de formação profissional, que tem por objetivo embasar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com o universo dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, fomentando a investigação dos acontecimentos relatados pelas fontes, bem como a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, como os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas. (DIRETRIZES...,2013, p.20)

Embora muitos defendam que todo bom jornalismo envolve investigação, a presente discussão parte do pressuposto que o jornalismo investigativo compreende especificidades desde a concepção da pauta, passando por todo o processo de produção e construção do conteúdo até sua publicização e veiculação, as quais lhe guardam características próprias. E todo esse percurso é norteado pela apuração. Mas quais são essas especificidades que caracterizam o processo de produção do jornalismo investigativo?

Em busca de respostas, o artigo proposto discute a importância do conhecimento em jornalismo investigativo, sua historicidade, conceituações e práticas, e se propõem em apontar uma metodologia do processo produtivo deste gênero jornalístico, a partir dos resultados da dissertação de mestrado "As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa", defendida no Programa de Pós Graduação Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e da avaliação conjunta entre

⁴ As faculdades de Jornalismo tiveram o prazo de dois anos para adequar seus planos pedagógicos. Após o egresso da primeira turma, os cursos podem reajustar suas grades com o propósito de aperfeiçoá-las frente às dificuldades e demandas vivenciadas.

discentes e docente da disciplina optativa Seminários I, com foco em jornalismo investigativo, ofertada no segundo semestre de 2018, para os alunos e alunas de 4º ano de graduação em Jornalismo na UEPG.

A dissertação teve como objetivo caracterizar se as especificidades do jornalismo investigativo se constituem como um método no processo de produção da reportagem investigativa e sistematizar quais os procedimentos e técnicas de apuração utilizados. Já a disciplina procurou aprofundar o conhecimento sobre a prática do jornalismo investigativo e o espaço que ocupa no campo do Jornalismo, apresentou marcos históricos de reportagens investigativas nacionais e internacionais, contextualizando com a história do jornalismo ocidental e os procedimentos, métodos e técnicas de apuração de reportagens investigativas, a partir de estudos de reportagens.

Em diálogo com a proposta do VI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, o artigo aponta a relação entre a teoria e a prática do jornalismo investigativo, ao identificar padrões entre as análises e resultados do jornalismo investigativo como objeto de estudo na dissertação acima citada e na disciplina acadêmica. O objetivo é mapear e definir um método de investigação utilizado pelos profissionais. O corpus da dissertação compreendeu entrevistas com seis jornalistas que produziram reportagens investigativas - Andrea Dip, Angelina Nunes, Kátia Brembati, José Roberto Toledo, João Maschio e Mauri König - e análise de sete reportagens investigativas produzidas por eles e elas, a partir das técnicas e procedimentos de apuração utilizados.

A disciplina, por sua vez, estruturou-se no estudo de oito produções jornalísticas: 1) Dono do morro. Um homem e a batalha pelo Rio, de Misha Gleny; 2) Hiroshima, John Hersey; 3) Operação Massacre, de Rodolfo Walsh; 4) The History of Standard Oil Company, Ida Tarbell; 5) Série de Reportagens Grupo de Jornalismo Investigativo (GADI) da Zero Hora; 6) Todos os Homens do Presidente, Bob Woodward e Carl Bernstein; 7) Holocausto Brasileiro, Daniela Arbex; 8) The Bang Bang Club - Greg Marinovich, Kevin Carter, João Silva, Ken Dosterbrack. A escolha dos casos procurou contemplar repórteres nacionais e internacionais, de diferentes períodos da história do jornalismo, homens e mulheres, além de texto e imagem. É válido mencionar que a disciplina foi proposta a partir dos resultados da pesquisa de mestrado, ao detectar a necessidade de incluir o jornalismo investigativo já na graduação, para oferecer aos futuros profissionais o conhecimento em metodologias jornalísticas de apuração, aferição e depuração presentes em todo o processo de

produção, perpassado por elementos como tempo, gênero jornalístico e formatos. Entendemos ainda que a formação é contínua, ocorre também na vivência profissional, e dialoga com as transformações tecnológicas e com as demandas do contexto político, econômico, social e cultural.

2. Conceituações, historicidade e práticas

Pensar o jornalismo investigativo como uma prática específica entre outras do jornalismo também não é algo inovador. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) compartilha dessa concepção, assim como os autores brasileiros Nascimento (2010), Sequeira (2003), Lopes e Proença (2003), Dines (1986), Chaparro (1994), Lages (2001), além de autores internacionais. Em consonância com Sequeira (2005), o jornalismo investigativo se diferencia porque demanda de métodos de pesquisa e estratégias operacionais. No jornalismo investigativo a informação é algo susceptível de ser “trabalhado mais a fundo, de ser documentado, ampliado, verificado, contextualizado, indagado e investigado sob todos os ângulos” (LOPES & PROENÇA, 2003, p. 10). Nesse sentido, contempla a definição do pesquisador Lage (2001 apud SEQUEIRA, 2005, p.24) em que o jornalismo investigativo é aquele que realmente pratica a investigação, dedica tempo e esforço atrás da informação. Seria um “guardião da sociedade”.

O esforço da apuração visa “chegar à essência das coisas, tentar responder os porquês que provocam uma situação prejudicial à coletividade ou ao interesse público. [...]” para além da informação diária, “cuja produção fica velha em 24 horas” (LOPES; PROENÇA, 2003, p. 14). Na mesma lógica de raciocínio, Quesada (1987 apud SEQUEIRA 2005, p.74) defende que a diferenciação do jornalismo de atualidade e o jornalismo investigativo não está no formato do texto ou na apresentação gráfica do material, mas sim no processo de trabalho do profissional, nas estratégias que ele ou ela usa para a apuração do material. Ou seja, o processo de trabalho no jornalismo investigativo é peculiar.

Contudo, o processo de seleção e edição desenvolvido na rotina jornalística em busca da “verdade” não surge sozinho ou é algo dado, ele compreende técnicas e métodos, caracterizando um método de trabalho (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004), o qual demanda um processo de apuração e investigação guiados e amparados por uma sistematização de procedimentos metodológicos. Por essa perspectiva, o jornalismo investigativo envolve um conhecimento permissível ao aprendizado.

Não é algo inato ou sensitivo, e sim assimilado. É válido mencionar, como os próprios autores colocam, que essas constatações sobre um procedimento metodológico não são embrionárias e sim fruto de estudos e observações práticas por um conjunto de profissionais.

Outro aspecto é com relação à pauta. Para o argentino Silvio Waisbord, este tipo de jornalismo busca apontar as irregularidades que envolvem não apenas o governo, mas também outras autoridades (NASCIMENTO, 2010) e, portanto, por envolver denúncia, gera consequências com a publicação, seja na agenda pública ou política, a curta ou a longo prazo. Nascimento (2010) pontua que há repercussão da cobertura na opinião pública, propiciando o debate público (NASCIMENTO, 2010).

As especificidades que hoje definimos como a produção do jornalismo investigativo foram desenhadas e caracterizadas ao longo da história, acompanhando as transformações vividas pelo próprio jornalismo. As diferenças estão entre os caminhos percorridos durante a produção jornalística de um fato cotidiano e um assunto velado ao público, para atender interesses dos que detém algum tipo de poder, que perpassa pelas instâncias econômica, política, cultural ou social datam desde o século XIX e ocorreram em consonância com a emergência do novo paradigma do jornalismo, o informativo, em um cenário de transformações, principalmente, nos EUA e Europa.

Conteúdo acusando irregularidades aquém da política já povoavam os jornais, ainda nos séculos XVII e XVIII. Em 25 de setembro de 1690, Benjamin Harris denunciou a violência dos índios norte-americanos contra soldados franceses no jornal *Publick Occurrences*, de Boston (NASCIMENTO, 2010, p.33). Em 1721, James Franklin fez uma série de denúncias no jornal americano *New England Courant* contra as autoridades religiosas que cometeram erros em um programa de vacinação contra varíola em Boston, espalhando a doença entre a população (NASCIMENTO, 2010).

Entretanto, no século XIX, o jornalismo partidário, desenvolvido normalmente por uma pessoa defendendo opiniões e pregando conjecturas, vai se distanciando dos ideais positivistas latentes na época; não era mais suficiente apenas denunciar, precisava documentar. O jornalismo se constituía no ideário da objetividade, ou pelo menos, buscava desenvolver recursos para controlar a subjetividade ao reportar o fato. Em relação aos temas obscuros, apenas as técnicas utilizadas para contar os fatos não eram suficientes para revelar interesses submersos, exigia-se o emprego de diferentes estratégias, procedimentos e tempo de investigação.

Emile Zola adicionou técnicas de observação em seus textos no século XIX, para denunciar as condições de vida, pobreza e miséria na França, causadas pela revolução industrial (BURGH, 2008). Esse método de observação cautelosa ficou denominado como *documentary realism* por Keating (1991), e passou a ser utilizado no jornalismo investigativo na busca da imparcialidade da informação. Charles Booth também utilizou desse método de observação em suas obras *Life and labour of the people of London*, publicadas entre 1889 e 1891.

As mulheres jornalistas tiveram um papel importante na história do jornalismo investigativo, introduzindo a técnica do “disfarce” como uma das marcas da participação feminina (COSTA, 2013). Outro marco no jornalismo investigativo foi o surgimento dos *muckrakers* (termo cravado pelo presidente americano Teddy Roosevelt), referente aos que se especializaram em denunciar as mazelas oficiais e cobrar reformas em âmbito local, estadual e federal (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Os *muckrakers* produziram nos EUA um jornalismo com foco em problemas sociais, tratando nas reportagens denúncias a respeito do processamento de carne, trabalho infantil, indústria farmacêutica e condições trabalhistas na indústria em geral.

Ainda neste contexto americano, a reportagem emblemática de Ida Tarbell, de 1904, *The History of Standard Oil Co*⁵, publicada na revista americana *McClure's Magazine*, em 19 partes consagrou o jornalismo investigativo. A jornalista revelou as práticas ilícitas das empresas de petróleo do então rico empresário John Rockefeller. A apuração incluiu consulta a documentos e legislaturas de diversos estados americanos, entrevistas e acompanhamento de processos do Congresso dos Estados Unidos sobre a *Standard Oil Company* que operava nas estradas de ferro, refinarias e linhas de tubulação do país.

A grande referência na história do jornalismo investigativo fica por conta da cobertura do *Washington Post* do escândalo que ficou conhecido como *Watergate*, que culminou com a renúncia do então presidente norte americano Richard Nixon, do Partido Republicano, em 1974, dois anos após o início da investigação jornalística. Os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein produziram uma série de reportagens revelando as ligações do governo americano com a invasão do comitê do Partido Democrata.

⁵ <http://www.pagetutor.com/standard/>

Os registros sobre o desenvolvimento do jornalismo investigativo contemplam especialmente a sua prática nos Estados Unidos, mas é possível que outros exemplos tenham ficado de fora, por conta da escassa bibliografia incluindo a prática em outras partes do mundo, além das barreiras linguísticas e da dificuldade de acesso a traduções dos textos. Da mesma forma que em outros países, a bibliografia não define o momento exato do surgimento do jornalismo investigativo no Brasil. No entanto, conforme aponta Nascimento (2007), alguns exemplos de reportagens carregando elementos cruciais do jornalismo investigativo foram produzidas durante o século XX. Um exemplo mencionado pelo autor foi a matéria que acusava o ex-presidente Epitácio Pessoa pelo beneficiamento de exportadores de açúcar em troca de uma joia para sua esposa, publicada no Jornal da Manhã (RJ) em 1923. A revista O Cruzeiro desenvolveu práticas investigativas reportando problemas sociais e escândalos políticos.

Mesmo após o golpe militar de 1964, ocorreram alguns exemplos localizados, como podem ser confirmados pelas edições do Prêmio Esso entre os anos de 1964 e 1984 (NASCIMENTO, 2007). Mas foi somente com a redemocratização do Brasil que o jornalismo investigativo ganhou corpo no país. Uma epifania foi, em 1992, a cobertura das revelações do envolvimento do então presidente Fernando Collor de Mello com empreiteiras e agências de publicidade.

Estes são apenas alguns marcos na história do jornalismo investigativo, retratando a atuação de profissionais que contribuíram para a constituição do que hoje conhecemos como jornalismo investigativo e no incremento de estratégias e procedimentos no processo de produção da reportagem investigativa, na busca de cercar o fato, seus antecedentes e contextualização. Estes jornalistas pioneiros e pioneiras em utilizar procedimentos para reportar temas de relevância social, corrupção, maus tratos e desrespeitos aos direitos dos cidadãos, coincidem em um processo de produção que demanda mais tempo e triangulação das informações.

Em um período em que emerge o paradigma do jornalismo informativo, associado à busca da objetividade e veracidade influenciado pelos métodos científicos da época, esses registros pontuais da prática investigativa mostram jornalistas que buscaram se aproximar dos fatos e trazer informações até então desconhecidas por parte do público, as quais constituíam os alicerces políticos, econômicos e sociais da sociedade da época. Vale observar que são reportagens que geraram repercussões. Chamamos a atenção aqui para alguns aspectos: 1) as pautas têm a peculiaridade de denunciar ou

revelar irregularidades; 2) a apreensão do conceito circunda a existência de uma metodologia de apuração que deve ser guiada pelo jornalista e exige um processo de trabalho; 3) o contexto político, econômico e social interfere na prática do jornalismo investigativo; 4) a denúncia deve ser comprovada por meio das fontes (humanas ou não); 5) a divulgação traz desdobramentos.

3. Especificidades da prática jornalística

Ainda que toda produção possa contar uma etapa de investigação em seu processo produtivo, o jornalismo investigativo é conceitualmente distinto da investigação jornalística. A investigação jornalística é um termo geral, que pode ser usado coloquialmente durante qualquer procedimento de produção. No dicionário Aurélio²⁶, o termo investigação consta com os significados: 1. Ato ou efeito de investigar; busca, pesquisa. 2. Indagação minuciosa; indagação, inquirição. Por outro lado, o jornalismo investigativo abarca uma série de especificidades como da pauta, triangulação dos procedimentos de apuração, metodologias de investigação e um conjunto de interações que atuam na produção e construção da reportagem investigativa, que traz uma ampliação do fato para além da notícia e da reportagem.

O resultado de um processo de produção de jornalismo investigativo será a reportagem investigativa, que traz uma ampliação do fato para além da notícia e da reportagem. Esta ampliação é resultado dos esforços realizados durante o processo de produção do conteúdo, o qual envolve desde a seleção da pauta, passando pela produção e construção do texto até a publicização, todo este movimento é permeado pela apuração ou investigação jornalística, como apontaram Andrea Dip, Angelina Nunes, Kátia Brembati, José Roberto Toledo, João Maschio e Mauri König. A ampliação do fato, caracterizada pela contextualização, seus antecedentes e pessoas envolvidas, é proporcional ao volume de informações e dados levantados via consultas a fontes (humanas ou não), observação, pesquisa, entrevistas feitas tanto com pessoas como também entrevistas realizadas com os próprios dados encontrados. Em via de regra, esses procedimentos redirecionam nova apuração. Todo esse processo é perpassado pela checagem das informações coletadas.

O processo de produção da notícia no jornalismo factual é definido pela seleção dos acontecimentos, a apuração dos fatos e a construção da notícia. No jornalismo investigativo, esse processo é mais complexo - no sentido em que cada etapa exige planejamento e esforço de apuração,

composto pela seleção da pauta + hipótese + levantamento das informações + checagem + produção do texto. Além de um processo mais complexo, a produção no jornalismo investigativo também apresenta outra divergência do jornalismo factual: não é um processo linear. No processo de produção do jornalismo convencional, os procedimentos seguem uma ordem linear, passando pela seleção dos acontecimentos, a apuração dos fatos em seguida e a construção do texto, nessa sequência, aqui usualmente se avança para a próxima etapa após finalizar a anterior.

Já no jornalismo investigativo, não existe uma sequência cronológica dos procedimentos, as etapas anteriores podem ser retomadas conforme o andamento do processo. Entende-se aqui esse movimento como um movimento pendular entre as etapas de apuração, em que a etapa de investigação posterior solicita retornar à anterior para cruzar e checar as informações obtidas, o que pode levar a novas arestas a serem investigadas, migrando para uma nova etapa de apuração, que por sua vez também pode solicitar um movimento para a etapa anterior, e esse movimento pode ocorrer até mesmo na etapa de construção da reportagem.

Cada uma das etapas do processo de produção no jornalismo investigativo apresenta também características próprias. A etapa ‘seleção da pauta’ conta com as seguintes características: o fato emerge pela observação do repórter; temas submersos e denunciativos; a pauta define o próximo passo do processo produtivo. Em ‘hipótese’ ocorre: a verificação do fato; pré-apuração; busca por documentos, fontes humanas e banco de dados que corroborem a pauta. Durante a etapa de ‘levantamento das informações’ é quando o jornalista tem contato com as testemunhas; documentos mais detalhados; histórico/antecedentes do fato; contatos com fontes de média importância; observação; uso de tecnologia; reforçar ou derrubar a hipótese; verificar desdobramentos do fato; obter informações precisas e em abundância.

No processo de consulta às fontes na reportagem investigativa, o repórter prima em consultar fontes testemunhais, vítimas, documentos, dados, especialistas, de forma que as oficiais, normalmente, só são confrontadas posteriormente. Por comumente serem denúncias (seja política, econômica ou social), as autoridades (oficiais) são confrontadas, ou por estarem envolvidos ou por serem displicentes no cumprimento da lei e dos direitos do cidadão ou mesmo direitos humanos. No caso da reportagem investigativa, o processo de apuração tem como fontes fulcrais aquelas que dão visibilidade ao que está submerso, ou seja, documentos, testemunhas, dados. Há uma inversão em

relação à notícia, ou mesmo à reportagem em si, neste quesito da consulta a fontes.

É na etapa da ‘rechecagem’ em que ocorre a revisão do material, para confirmar a veracidade das informações que serão divulgadas. Já na ‘produção do texto’ é o momento de organizar as informações obtidas, transcrever entrevistas e anotações e estruturar o material que será publicado. Em todas as etapas, de acordo com os resultados de cada procedimento, pode haver a necessidade de retomar uma etapa anterior. Se um documento se mostrar inverídico no momento da rechecagem, as informações precisarão ser levantadas novamente e pode até ser que a própria hipótese seja modificada sob essa perspectiva não linear.

No jornalismo investigativo, a estratégia de triangular as informações durante o processo de produção deve ser um procedimento corriqueiro e necessário. Há pouca teoria abordando especificamente as técnicas de apuração do jornalismo investigativo, que exigem uma integração entre diferentes técnicas para garantir um levantamento complexo e inequívoco do tema pautado, por isso a necessidade de se levantar exemplos práticos de abordagens investigativas para identificar os métodos utilizados e sua eficiência. As reportagens seguem a tendência de temas do jornalismo investigativo, pautadas em atos ilícitos, denúncias, crimes, violações de direitos/cidadania.

São temas que exigem mais investigação, um procedimento diferenciado, tanto na busca de informações e dados sobre o acontecimento quanto no esforço de aferir a precisão do material levantado. O caminho metodológico do jornalismo investigativo é seguir os dados, cruzá-los e interpretá-los. As fontes, primárias ou secundárias, são usadas apenas como uma das técnicas e não a única, para confirmação das informações levantadas em bancos de dados ou documentos oficiais. O jornalismo factual costuma limitar-se às informações e dados repassados pelas fontes, em geral oficiais ou especialistas. Entretanto, devido às temáticas, obscuridade e complexidade dos assuntos pautados nas reportagens investigativas, a apuração que não esgota o acontecimento e suas interconexões com outras instâncias como política, econômica, policial ou social e que não cruza as informações obtidas, pode ficar rasa e até mesmo incompleta. E a publicização da informação incorreta causa um dano irreparável aos envolvidos e à sociedade.

Percebe-se, assim, que o processo de produção e construção do conteúdo informativo investigativo não caracteriza-se por um movimento linear e sim pendular, mesclando de forma contínua, porém finita, apuração, redação do texto e verificação.

4 Da pesquisa para sala de aula: os "saberes profissionais"

A partir do entendimento do conhecimento como algo mais importante para o ser humano, associado à racionalidade e que vai além do conhecimento formal e teórico, incluindo também um conhecimento obtido na prática, a tornar-se práxis, vislumbrou-se a necessidade de apreender as particularidades do jornalismo investigativo, sua historicidade, conceituação e prática e aplicá-las na formação dos futuros jornalistas. Assim, compreende-se como um dos pilares do conhecimento no jornalismo, aquele que fundamenta a sua formação teórica e o exercício da profissão, capacitando o futuro jornalista na utilização dos instrumentos no processo de trabalho, gerando uma *expertise* e o seu empoderando enquanto profissional. Porém, não se trata de um ciclo fechado e concluído e sim contínuo atravessado pelo exercício da atividade e suas interfaces com a sociedade.

Desse modo, é um conhecimento que dilui teoria e prática em unicidade, sujeito a transformações em diálogo com o contexto histórico e com o próprio campo, confluindo com o conceito "saber de ação", discutido por Fidalgo (2008), o qual congrega "saber conhecer", "saber fazer" e "saber-ser". A competência profissional caracteriza-se, por tanto, por uma ação reflexiva, que sustenta os "saberes de ação", como "uma nova epistemologia do agir profissional", comumente denominado como saberes profissionais (SCHÖN 1996, apud FIDALGO, 2008), gerados anteriormente à prática, mas também no seu processo, durante o fazer, bem como nos resultados do ato consumado.

Aqui estabelece-se constantemente uma relação com a experiência, com o trabalho concreto e com a aprendizagem que (também) se realiza nele e através dele, num processo que não significa mera justaposição de saberes, mas o seu relacionamento dialético (FIDALGO, 2008, p. 9).

Buscou-se na disciplina Seminários I identificar os saberes profissionais ("saberes de ação") do jornalismo investigativo a partir de sua historicidade, conceitos e práticas ao longo de observações pontuais no século XX e XXI. A disciplina optativa é teórica e conta com uma carga horária de 51 horas. Cabe ao professor que irá ministrá-la sugerir o conteúdo e consultar os alunos se há interesse em cursá-la. A proposta em estudar Jornalismo investigativo caracterizou-se como uma iniciativa experimental, e partiu de duas motivações: 1) da grade do curso de Jornalismo da UEPG não ter uma disciplina específica com esse escopo, seja prática ou teórica; 2) dos estudos desenvolvidos no grupo

de pesquisa Conhecimento no Jornalismo, cadastrado no CNPq⁶ (Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização) e, sobretudo, dos resultados apontados pela dissertação de mestrado de "As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa" de Mariana Noronha Galvão, defendida em 2017, os quais apontaram a necessidade de agregar conhecimento da prática jornalística já na formação profissional.

Matricularam-se 10 estudantes regulares e um não regular. A metodologia das aulas compreendeu aulas expositivas, leitura coletiva das reportagens indicadas e estudo de cada caso a partir dos seguintes eixos selecionados pela discussão conceitual de jornalismo investigativo (WILLIAMS, 1978; KOVACH; ROSENSTIEL, 2004; SEQUEIRA, 2005; LOPES; PROENÇA, 2013; NASCIMENTO, 2010; HUNTER, 2013) e reflexões apontadas pela dissertação supracitada: tema da pauta; informações coletadas pela investigação do repórter e da repórter (com coleta e análise de um grande número de informações); apresentou denúncias e/ou desvendou segredos; contextualização (abordagem ampla do acontecimento e sua localização como fenômeno social); métodos (apresentou técnicas e procedimentos de apuração); e, por fim, consequências. Os eixos foram atravessados por alguns elementos identificados na revisão bibliográfica mencionada acima: como tempo de produção e envolvimento de trabalho em equipe.

A seleção das produções jornalísticas seguiu dois protocolos simultâneos: sugestão da professora que ministrou a disciplina e dos alunos e alunas matriculados. Um dos norteadores das indicações foram: 1) mesclar exemplos de diferentes momentos históricos nacionais e internacionais em consonância com períodos distintos vivenciados pelo campo jornalístico ao longo dos séculos XX e XXI; 2) contemplar, na medida do possível, diferentes formatos e plataformas; 3) material acessível a todos e todas participantes da disciplina; 4) incluir alguns exemplos clássicos e consagrados no campo jornalístico; 5) apresentar exemplos de reportagens conduzidas por jornalistas homens e mulheres.

O objetivo geral da disciplina era aprofundar o conhecimento entre os futuros profissionais sobre a prática do jornalismo investigativo e o espaço que ocupa no campo do jornalismo; desdobrando-se em dois objetivos específicos principais: identificar as diferenças entre processo de

⁶ O grupo é coordenado pelo professor Felipe Simão Pontes e pela professora Paula Melani Rocha do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

produção de reportagens investigativas e cobertura diária/factual na atualidade, a partir do conjunto dos estudos, procurando aferir padrões metodológicos e uso de técnicas investigativas; e discutir o jornalismo investigativo com a área do conhecimento.

5. Teoria e prática: a busca de um método investigativo

A opção dos oito casos estudados pautou-se também em definir aqueles que tivessem informações sobre o processo de apuração percorrido pelos e pelas jornalistas, bem como a menção às técnicas utilizadas, fossem na própria obra ou em outras plataformas. Além da leitura dos livros, foram utilizados materiais de apoio como filmes, documentários, entrevistas, textos e reportagens sobre a cobertura analisada, os e as jornalistas envolvidos, plataforma em que foram divulgados (revista, livros, site), momento histórico e do próprio jornalismo.

Dos oito casos listados, a série de reportagens selecionadas para estudo do Grupo de Jornalismo Investigativo (GADI) da Zero Hora não configurou jornalismo investigativo e sim reportagem sob investigação (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004; NASCIMENTO, 2007), por não apresentar uma denúncia revelada pela equipe de jornalistas, mas pela polícia. Outro apontamento foi o de uma série, com *suítes*, atualizando a investigação e seus desdobramentos. Para entender o fato reportado era necessário ler o conjunto das coberturas. O interessante do Grupo é a publicização multimídia. Uma das alunas avaliou a série analisada com uma escassez de dados para substanciar o entendimento da trama, falta de contextualização do acontecimento, ausência de conexões, reiterando o jogo de versões: "*A maioria das reportagens lidas trouxe falas dos citados. Não houve um aprofundamento nisso. O que acontecia era dados, documentos e confronto com a fala das fontes.*"

Um dos pontos centrais nas reportagens consideradas investigativas foi revelar por meio da investigação do/da repórter a denúncia e estar associado ao interesse público: corrupção política e econômica, segurança pública, saúde pública, maus tratos e violação dos direitos humanos. *The Bang Bang Club*, *O dono do Morro*, *Operação Massacre*, *The History of Standard Oil Company*, *Holocausto*, *Todos os Homens do Presidente* e *Hiroshima* dialogam com parte desses temas. *Hiroshima*, *O Dono do Morro*, *Holocausto* e *The Bang Bang Club* humanizam os números, a contradição, o caos, a exploração, a violação, a desumanidade e o jogo de poderes e interesses, ao

darem rostos e vida. Descortinam situações escamoteadas e visões propositalmente distorcidas sobre a realidade.

The Bang Bang Club (Fotógrafos de Guerra) conta sobre quatro fotojornalistas - Greg Marinovich, Kevin Carter, João Silva, Ken Dosterbrack, que cobriram as eleições na África do Sul entre 1990 a 1994, no contexto do fim do Apartheid. Foi o único caso estudado que abordou o processo de apuração em fotojornalismo. O estudo trouxe a discussão da ética na cobertura de situações desiguais e de conflito, a relação com as fontes e a exposição das pessoas vulneráveis, com risco de vida. "Os conflitos na África do Sul durante esse período foram muito bem retratados nos fortes registros dos quatro fotógrafos...Além de mostrarem ao mundo o que se passava na violenta guerra civil da África do Sul, retrataram também problemas do país, como fome e miséria", reiterou uma estudante.

Para os fotojornalistas descobrirem o que ocorria no país e as posições divergentes, era necessário contatar e conversar com fontes em posições opostas. A pluralidade de fontes associada à polifonia foi uma das técnicas avaliadas em algum dos casos estudados. Em Holocausto, por exemplo, Daniela Arbex (2013) entrevistou mais de 40 fontes, entre ex-pacientes, ex-funcionários, ex-diretor e médico do hospital. Rodolfo Walsh (2010) também exerceu a pluralidade e polifonia nas fontes ao entrevistar parte dos homens que sofreram tentativa de execução, vizinhos, policiais, juízes e advogados. John Hersey entrevistou vítimas da bomba de Hiroshima, homens, mulheres, de geração, nível econômico e até naturalidade diferentes. Já Misha Glenny (2016) além da entrevista que fez com o Nem (Antônio Francisco Bonfim Lopes), ex chefe da Rocinha, ele entrevistou moradores da comunidade, policiais, investigadores, comerciantes, pessoas envolvidas no tráfico, integrantes de ONGs entre outros. O mesmo movimento foi feito por Ida Tarbell (1904; 2012) ao ouvir funcionários e ex-funcionários da empresa de Petróleo, exploradores e produtores. Assim, uma das técnicas presentes nos casos analisados foi a busca de polifonia e pluralidade de fontes no processo de apuração, criando um mosaico perspectivas sobre o fenômeno e como este respinga em múltiplas faces gerando interpretações distintas.

Nos sete casos há fontes testemunhais, que vivenciaram o fato, em posições diferentes ou mesmo extremas, são elas que legitimam e atribuem veracidade ao acontecimentos e não fontes oficiais, como comumente ocorre em coberturas factuais. Aparecem fontes oficiais e em menor escala

especialistas, mas sempre cruzando ou confrontando informações e dados, de forma alguma como o "contador da história" ou narrador principal. Descreve uma aluna: "O livro investigativo se diferencia da cobertura usual ou da reportagem convencional pela quantidade de vozes/fontes, pelo tempo que demorou para ser produzido, pela busca de dados e documentos". O sigilo da fonte foi mantido quando em situação de risco e nesses casos valeu a regra de confirmar a informação com outra fonte de dados (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004). A segunda técnica é a escolha das fontes, priorizando as testemunhais e sua pluralidade de visões estabelecidas por locais de fala distintos. Há um peso menor no uso de fontes especialistas em relação às coberturas factuais. Na reportagem investigativa não cabe aos ou às especialistas darem o tom de sentido da trama. O tempo, embora também pressione o processo de produção, tem uma lógica diferenciada das coberturas diárias. O processo de apuração das fontes, consulta e realização das entrevistas consome mais tempo no processo de trabalho do e da jornalista.

A busca de dados e documentos durante a apuração foi sinalizado pelos 10 estudantes. Desde o trabalho de Ida Tarbell (1904; 2012) que traz os documentos consultados, pareceres de audiência, registros de cartório, passando pelo trabalho dos jornalistas Woodward e Bernstein (1997) no caso watergate, a Walsh (2010) na Argentina até Daniela Arbex (2013) no hospital Colônia e Glennly (2016) na Rocinha. Em todos, o ou a repórter vai atrás das fontes, documentos, volta para fontes e depois documentos, checa e rechea os dados, confirma as informações obtidas por fontes humanas, confronta os dados, revelando uma pesquisa em acervos, fotos, jornais, entrevistas e registros. O percurso a ser percorrido depende do que encontram em uma entrevista ou fonte não humana, das pistas e portas que despontam para seguir e ingressar.

Quando a jornalista explica em meio a narrativa a sua forma de apuração; como ela chega em determinada fonte, que indica outra fonte, os documentos que comprovam a venda ilegal de corpos para estudos médicos, cópia de e-mail que autoriza a utilização da informação, as entrevistas coletadas para contextualizar o hospital, as fotografias que mostram e trazem a informação que o local era um depósito de pessoas vistas como indesejáveis. (descreveu um estudante).

Trazer para o texto, descortinando ao leitor, o caminho percorrido na apuração é um procedimento usual em reportagens investigativas e nos casos analisados. Isso insere e aproxima o leitor e a leitora, além de conotar credibilidade e veracidade aos dados expostos no texto.

O envolvimento de uma equipe no processo de apuração, realizando pesquisa, busca de pistas e de fontes é relatado tanto por Rodolfo Walsh (2010) ao agradecer uma jornalista que o ajudou no árduo trabalho durante os anos de investigação que resultaram no livro, quanto por Glenny (2016) ao fazer referência à equipe que o ajudou a levantar dados para entender a complexa história da Rocinha e o envolvimento e ausência do poder público no desenvolvimento da comunidade. Na cobertura do caso do Watergate estavam diretamente envolvidos na investigação os dois jornalistas, além do editor que auxiliava no processo de produção e no *The Bang Bang Club*, atuaram pelo menos os quatro fotojornalistas, além do editor.

A seleção da pauta é mérito do e da repórter, assim como a linguagem de denúncia, a busca de dados e a interpretação de informações, até então soltas e aparentemente desconexas. O fato poderia já ter sido reportado e ser de conhecimento público, como o ataque a Hiroshima ou o hospital em Barbacena, mas retomá-los, suspeitar de irregularidades e ir atrás para checar e se propor a investigar é uma capacidade desenvolvida pelos e pelas repórteres.

O Holocausto é um dos maiores casos de jornalismo investigativo que estudamos. Daniela Arbex, parte de uma pauta fria e sem profundidade, passou a ir atrás de fatos e documentos para contar a história da colônia de Barbacena. Além disso, ela utilizava fotos (da época) para ir atrás das fontes. Um trabalho investigativo. (descreveu uma aluna)

Duas outras técnicas observadas nos casos analisados foram a observação e a narrativa descritiva e detalhista. Hiroshima, Holocausto, Operação Massacre, O dono do Morro, *The History of Standard Oil Company* e Todos os homens do Presidente trouxeram a observação, seja do ou da jornalista durante a conversa com as fontes, os lugares que visitaram, ações e reações, seja da própria fonte testemunhal, popular ou oficial narrando o que viu e como presenciou. A observação é uma técnica muito explorada pelos profissionais na apuração e na narrativa, e explora os sentidos visual, auditivo, olfato ou sensitivo. John Hersey, Misha Glenny, Daniela Arbex e Rodolfo Walsh trazem um texto apurado, notado por todo o grupo de estudo, possibilitando imaginar as cenas que cercaram os fatos reportados.

Todos os processos investigativos estudados demandaram tempo e somente após a confirmação da informação ela foi publicizada, isso vale para as reportagens que saíram em capítulos, edições de livro ou publicação única. O tempo ultrapassa a lógica da rotina diária, consumiu meses e

anos e, para além disso, determinou o processo de trabalho e o uso dos procedimentos metodológicos e técnicas.

Outro ponto observado que normalmente é associado ao jornalismo investigativo é se a divulgação da reportagem trouxe consequências. Nos sete casos podemos afirmar que sim, mesmo que nem todos trouxeram um *impeachment*, os jornalistas foram reconhecidos com premiações ou reconhecimento pelo trabalho nacionalmente ou internacionalmente e propiciaram levar um conhecimento ao público que tem direito em receber as informações. Com exceção a Rodolfo Walsh que foi morto pelo seu trabalho investigativo e hoje uma referência nesse gênero.

Os dez alunos consultados informaram que a disciplina deveria continuar sendo ministrada, como uma carga horária maior e que seria interessante agregar mais exemplos jornalísticos e entrevistas com profissionais que exercem a prática do jornalismo investigativo. "*A presença de material audiovisual é uma forma bem interessante que consegue evidenciar melhor o significado de cada caso estudado. Trazer jornalistas da área seria uma sugestão interessante para evidenciar melhor a produção dentro do mercado*", sinalizou uma estudante. Os e as estudantes também julgaram interessante desenvolver técnicas de apuração como jornalismo de dados, análise de documentos e pesquisas no ambiente online ou não, dentro da proposta da disciplina, pois tal prática é pouco usual no curso.

Algumas considerações

No esforço em responder a pergunta que norteou a reflexão: quais são as especificidades que caracterizam o processo de produção do jornalismo investigativo, a partir dos resultados da pesquisa de mestrado e da avaliação da disciplina exposta acima, na tentativa de aferir se há padrões e consonâncias, elencamos que:

1) A pauta não precisa trazer um acontecimento inédito, o fato em si já pode ter sido reportado pela imprensa ou ser de conhecimento público, como por exemplo a falência de fazendas produtoras de petróleo nos EUA, o ataque americano a Hiroshima, o arrombamento da sede do Partido Democrático em Washington, a tentativa de extermínio a "conspiradores" políticos argentinos, o fechamento do hospital em Barbacena, os conflitos na África do Sul após eleições ou ainda a prisão do Nem da Rocinha. Contudo, a pauta tem que necessariamente trazer uma denúncia que até então não foi

revelada, seja em âmbito social, político ou econômico, como corrupção, exploração e violação de direitos humanos, ou perceber que a cobertura anterior foi extraviada, desconectada ou manipulada.

2) a investigação é mérito do ou da jornalista;

3) a elaboração da pauta e sua estruturação possibilita pensar hipóteses e planejar os caminhos do processo de trabalho guiado por técnicas de apuração;

4) o processo de trabalho do/da profissional é direcionado por uma disciplina em busca de dados, desenhado a partir das especificidades da pauta, configurando uma metodologia de investigação anunciada pelos e pelas jornalistas entrevistados/das na dissertação, a qual se constitui por movimentos pendulares recorrentes em cada etapa do processo de produção jornalística;

5) esse movimento pendular é caracterizado por um conjunto de técnicas de apuração jornalística a partir das respostas e pistas adquiridas: consulta a fontes secundárias e primárias; leitura de documentos (processos, licitações, jornais, postagens); pesquisa (internet, arquivos públicos, trabalhos científicos); observação (pessoas, ambientes, ações); análise de base de dados; entrevistas. Incrementadas por checagens e rechechagens. Não há uma ordem de aplicação das técnicas, as escolhas dependem das especificidades da pauta, cabe a ela sinalizar os percursos prováveis para o profissional percorrer em busca de dados, utilizando as técnicas mencionadas e absorvendo as pistas que cada investigação pode ocasionar;

6) é necessário utilizar o procedimento de cruzar informações pelo menos com duas fontes de dados, para aferir a veracidade da informação;

7) buscar pluralidade e polifonia de fontes na busca de atingir a compreensão do ocorrido em sua profundidade e as amarras com os poderes vigentes na sociedade (fugir do jogo de versões e da dependência das fontes oficiais para legitimar fato); diferente da notícia a credibilidade da informação não está associada à fonte oficial;

8) o processo de apuração não se encerra na etapa de produção e levantamento de dados, ele transcende para a construção do texto e sua publicização (método pendular). Os procedimentos e técnicas de apuração vão compor a narrativa e o conteúdo informativo. É sua exposição que irá dar sentido e o tom investigativo da denúncia. Sua descrição deve estar diluída no conjunto da obra em interface com os dados obtidos pelas outras fontes descortinando as obscuridades e contradições que

circundam o acontecimento e suas entranhas. Isso é uma técnica para evitar a publicização do jogo de versões e de falas contraditórias, desprovidas de nexos com o conjunto da obra.

9) o tempo, embora presente, não é o estrangulador que determina o momento da publicização. Esta etapa só ocorre após a aplicação de todas as técnicas necessárias para confirmar a denúncia e obter a segurança de que a trama foi desvendada;

10) o trabalho em equipe é importante, mas não essencial. Porém, é um facilitador na divisão do trabalho e na aplicação das técnicas em busca de dados, assim como nas checagens e rechechagens necessárias em cada etapa do processo. Ajuda também no ritmo da investigação e no debate em assegurar o respeito à ética jornalística e as deontologias da profissão.

A prática da reportagem investigativa gera uma expertise resultante do "saber da ação", o qual vai sendo aprimorado ao longo do exercício profissional e da inserção de inovações tecnológicas e contextuais, gerando novos saberes "conhecer", "fazer" e mesmo "ser". O profissional mais experiente, por exemplo, acumula fontes, desenvolve novas estratégias de ação, conhece ferramentas, amplifica as redes profissionais, estimula reflexões sobre o agir profissional. Isso é percebido nas entrevistas consumadas na dissertação - Angelina Nunes, Daniela Arbex, Mauri König, Andrea Dip, Kátia Brembati, José Roberto Toledo e João Maschio empreharam em mais de uma reportagem investigativa.

Entretanto, na contramão dos que afirmam que toda reportagem é investigativa, o estudo em sala apontou que escolher uma pauta para ser apresentada e concomitantemente aferir se envolve aspectos obscuros ainda no momento da etapa de seleção é um exercício que deve ser estimulado na graduação, envolvendo os saberes "conhecer" e "fazer". Assim como elaborar hipóteses, aplicar técnicas de investigação no momento de planejamento da pauta, desenvolver procedimentos de apuração na produção da pauta, identificar quando deve transpor para a próxima etapa, de pós-produção e, posteriormente, construção e, por fim, pensar a publicização.

São conhecimentos mais refinados que, inclusive se praticados no processo de aprendizado, podem gerar reflexões e oferecer novos saberes de ação ao aluno. A inovação tecnológica possibilitou a reestruturação das grades curriculares e abriu novas janelas para a produção jornalística e suas etapas. A internet e o celular passaram a ser incorporados no processo de produção jornalística, alterando as dinâmicas das etapas jornalísticas. Trazer isso para a academia oportuniza formar

jornalistas mais atentos aos "saberes da ação", às reflexões que envolvem os saberes "fazer, conhecer e ser" e mais aptos a enfrentar as amarras da "sociedade de transparência".

Referências

ARBEX, D. Holocausto Brasileiro. São Paulo, Ed. Geração Editorial, 2013.

Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo. Relatório da Comissão de Especialistas. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf. Acesso em: 20/04/2019.

FIDALGO, J. Jornalistas e saberes profissionais. I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

GLENNY, M. O dono do morro. Um homem e a batalha pelo Rio. São Paulo, Cia. Das Letras, 2016.

KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. Os elementos do Jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo, Geração Editorial, 2004.

LOPES, D.; PROENÇA, J.L. Jornalismo Investigativo. São Paulo Publisher, 2003.

HERSEY, J. Hiroshima. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-hiroshima-john-hersey-em-epub-mobi-e-pdf/>

MARINOVICH, G. SILVA, J. O clube do banguê-banguê. Instantâneos de uma guerra oculta. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Manual de verificação. Um guia definitivo para verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências. In http://www.verificationhandbook.com/book_br/index.php

NASCIMENTO, S. Jornalismo sobre investigações: Relações entre o Ministério Público e a imprensa. 2007, 228 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

NORONHA, M.G. AS Especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa. Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Jornalismo para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017. Disponível em <http://pitangui.uepg.br/propesp/ppgjor/dissertacoes.php>

SEQUEIRA, C. Monteiro de. Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia. São Paulo: Ed. Summus. 2005.

TARBELL, I. The History of Standard Oil Company. 1904/2012 Disponível em <http://www.pagetutor.com/standard/toc.html>

WALSH, R. Operação Massacre. S.Paulo, Cia. Das Letras, 2010.

WOODWARD, B.; BERNSTEIN, C. Todos os Homens do Presidente. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1997.